

Álvaro García de Zúñiga

3 + 8

=

38

com e sem silenciador

(as coisas vêm-se segundo o lugar de onde se ouvem)

38 ideias e medidas desmedidas divididas em partes longas e curtas, pre, re e cortadas de 38 % (o que afinal vem a dar 23,56) sobre a teatral desteatralização do teatro, da cultura em geral, e de Fernando Mora Ramos em particular.

I

38 largo

O fim do princípio

Silêncio!

Calem-se... Calem-se pá... Isso... Sossegadinhos, isso, lindo... Bom: é só para dizer que não há espectáculo, nem vale a pena desligarem os telemóveis, nada. Não há peça. Por isso, se quiserem vamos até ao bar, que é mais confortável e até se pode beber qualquer coisa enquanto eu vos explico. Venham, que acham? Vamos?

(...)

Ah! Isso: e não vão a ser reembolsados. Não há reembolsos. Já sabem: Nem pensem no assunto.

(...)

Bom, eu vou explicar, eu vou explicar...

É que o difícil é saber por onde começar... Deixem-me ver...

(...) (Pega numa 38 Smith & Wesson Special e aponta ao público:)

Não.

(a si mesmo:)

Não, também não.

(ao cenário que poderia ser o mapa de Portugal deitado numa marquesa hospitalar, muito high-tech, com réplicas em ponto pequeno infestando o espaço numa espécie de epidemia imagética, Portugal erva daninha:)

Não, também não dá. Talvez...

(Começa um Power-Point que nunca funciona sobre o mapa pátrio sem alma nem corpo, liofilizado graficamente, design, no extremo oposto da Posta Mirandesa.)

Sim, isso talvez... Mas vão ter que ter paciência, um bocado ao menos ao começo. É que não é fácil. Acreditem: não é fácil. Uma coisa é cancelar e outra explicá-lo...

(Um verdadeiro show informático de multiplicação de janelinhas, números e curvas estatísticas mais uma imensa profusão de formulários e adendas e anexos começa a desenrolar-se...)

Não é fácil, já vão ver, não é nada fácil. Bom, nem vale muito a pena fazer um ponto da situação. Da situação geral, social, meu colonel... De como estão as coisas. Cá.

Cá.

Já se sabe. Bom.

Didascália

Então: então... Aqui, se isto fosse um texto, teria uma didascália, ou umas didascálias. Didascálias, por se não sabem, claro, como vão a saber se já nem se pode ir ao teatro, e ainda quando se consegue ir vai-se e resulta que nem há espectáculo, seja pela greve, seja porque não conseguem o dinheiro para a produção, ou seja pelo que for; dascálias, dizia, são as indicações escritas que acompanham o texto dialogado nas peças de teatro. Seria prático, assim eu saberia que fazer. Ter didascálias, digo. Isso é que era prático. Agora. Neste momento. Uma coisa do tipo: este movimento, por exemplo. E estaria escrito: *Tal, faz tal movimento*. Em itálico, e eu faria tal movimento. Sem itálico. Bom até poderia ser com itálico, uma vez já o fiz, mas isso não vem ao caso, oblíquo, movimento oblíquo – o itálico é uma espécie de torre de Pisa orgânica no palco. Não interessa.

O assunto era que se tivesse itálicos, não, quero dizer, *didascálias*, isso; se isto tivesse didascálias eu saberia muito melhor que fazer, como organizar-me, como organizar a coisa.

E que não está fácil. Acreditem. Não está fácil. É que acontece que esta não peça, esta des-peça... que sem ser uma despesa, porque é isso o que não se pode: fazer despesas, de aí as des-peças, um

verdadeiro paradoxo, um acontecimento, já que acontece que este *não acontecimento*, este flop, para parecer seja uma peça, isso não que requer despesas, por conseguinte uma dê-s-peça que justamente não as requer, não pode ser didascalizado, pelo que tudo o que digo é improvisado.

Logo, tudo o que digo é improvisado de improvisado.

A crise e suas origens

Bom, eu vou ter que começar por alguns antecedentes, primordiais, senão não vão perceber. Ou sim, já percebem, mais bom, não interessa. Já perceberam.

Os antecedentes, os prolegómenos:

(Em estilo de história catedrática ao modo Magíster Dixit, que também aborta, como o Power Point aborta, como tudo aborta, num registo constante de talento abortivo sucessivo – melhor seria dizer de ejaculações verbais prematuras, pré frásicas?, tal vez.. – desenvolvendo-se o jogo e as falas como se sugere, numa espécie de princípio abortivo, nada acaba, nada se explica até ao fim, o curto circuito é o princípio e o actor deveria deitar fumo pelas orelhas, pela nuca, pelos olhos – eis a didascália:)

A coisa está mal. Está f... horrível. Fhorrível, fhorrível, já se sabe. *Latine, fhorribilis* – itálico. Então: temos muitas situações ao mesmo tempo, coisas bem diferentes. Se isto fosse uma peça de teatro, a peça de teatro que deveríamos estar a fazer, por exemplo, teria imensos personagens, cem, mais, quinhentos, sei lá, mil, não sei, se quiserem até os podemos começar a contar...

(Exibe o esquema pleno de trabalho de produção, elenco com nomes, cachets e tenta de novo pespegar números no Power Point Pátrio – em forma de mapa pátrio, o suporte – que não funciona:)

... já vamos ver. Não interessa (*expressão recorrente*). Ao mesmo tempo é realmente assim, ou foi, e então é como se fosse. (Estão a ver o que eu dizia das didascálias? Dava cá um jeitão uma que

dissesse: *Tal fica exaltado*; e eu ficava exaltado e depois tentava acalmar-me) Bom. É isso. (**Aulíssima**) Por um lado temos o teatro, a peça, tudo o que tem que ver com essas coisas (o teatro e a peça), e por outro a situação geral, a crise, a política, etc.

Um exemplo, o Falcon: O Falcon dos falcões e dos outros animais: pombos e Coelhos.

Então temos, por exemplo, a reunião em Bruxelas: Como todas as semanas os ministros dos 27 reúnem-se lá para... Bom, não interessa. Reúnem-se, pronto. E não se dão boleia uns aos outros, nada; como é uma viagem curta não há muito tempo a perder e cada um vai com o seu Falcon ou Bombardier ou até AirBus, bom. Ok, também não interessa muito.

(Com uma fluência insuspeita até ao momento. Como Karl Valentin no Teatro Obrigatório)

Preço de cada hora de voo de um bichinho desses? Falcon 50, 5mil625 €; Falcon 900, 8mil921; e o novinho em folha Falcon 7X de última geração, 7mil877 €inhos por cada horinha de voo. Mas esse em vez de custar os 30 y tal milhões d'€idos da praxe, já vai para os 50 milhonescos (ou seja que a 1.150 €/hora para rentabilizar os tais 20 milhonaços de diferença com o 900 haveria que voar umas 20.000 horas mais que no outro. Mais de 830 dias, 2 anos e três meses e meio, inteirinhos a voar as 24 horas)... Como é que eu sei tudo isto? fácil: vai-se ao Google, escreve-se Falcon, preço de hora de voo, e no instante aparece uma quantidade de informação que não dá para acreditar. Até demais. Pode-se ficar horas como que hipnotizado a ver aviões, aviões em venda, informação de qualquer tipo sobre isso; ah! algum de vocês sabia, por exemplo, que Portugal tem mais aviões privados – jets, quero dizer, para ser preciso – matriculados que Espanha? Acham que será porque os espanhóis ricos ainda não têm brevet? Cá está, se tivéssemos didascálias, poderia aparecer uma com o power-point no qual se poderia ver algumas das fontes com informação, sobre o preço da hora de voo, etc., por exemplo In vídeo veritas.
<http://secretdefense.blogs.liberation.fr/defense/2010/09/le-coût-des-heures-de-vol-des-appareils-gouvernementaux-de-letec.html>,

uma calculadora que faz o cálculo do preço da viagem de cada ministro para Bruxelas, 5mil625 x 2 horas de media x 26 países, igual 292mil500 € ida + 292mil500 volta, igual 585mil000 €, sem contar nenhum custo adicional, para começar o preço dos aviões, os carros que só usam para o transporte aeroporto-palacete-bunker, nem os beberetes, nem seja o que for, isto tudo pode-se fazer com muita animação, até com vídeos. Uma boa didascália far-nos-ia imaginar todo o resto:

Entra em delírio tremens verbal, fala já a abstinência do tinto em crises de alucinação verbais:)

Des-sincronia nervosa central e guilhotina

Os passos do Coelho chegando apressadamente “- *Estou atrasado! estou atrasado!*”, e nós assistindo à cena absolutamente surreal, pela RTP interposta, decididamente do outro lado do espelho, como se fossemos uma espécie d’Alice, lá a vê-lo e ouvi-lo ser recebido aos beijinhos pela Rainha Vermelha, que lhe pergunta depois do sorriso para a foto: *E que trazes para cortar hoje?* E ele, sem ter tempo para pensar no assunto, ainda atordoado do avião, responder-lhe: “*Não sei... os... as... o teatro? a cultura? O Fernando Mora Ramos?*” “*Boa! seja!*— diz ela — *o Fernando Mora Ramos: Que lhe cortem a cabeça!*” ¹.

¹ A divisão das fábulas em categorias é simples: há fabulas simples, episódicas e complexas; as simples são as simplesmente episódicas, as episodicamente simples e as episodicamente complexas, o que é simples, depois também há as simplesmente complexas, mas essas são já mais complicadas, bem que ainda não o sejam tanto como as episódica e simplesmente complexas, que são mais complicadas; as simplesmente episódico-complexas, são das mais simples que há, ao contrario das complexamente simples, que são super-complexas, e as complexamente episódicas que são do mais complicado que se possa vir a imaginar. O mesmo da para as personagens (mas não vou repetir). Bem. Há quem diga – como diz o Pedro Santana Lopes, que não percebe nada de estas coisas nem de coisa nenhuma, alias – que o importante e o que acontece. E acontece que o que pode acontecer é o seguinte: Primo: que na historia ou na personagem tenha lugar uma mudança de fortuna e

(Se for necessário “explicar” mais as personagens arranjam-se imagens ou qualquer outra coisa)

“Ouf” – pensou para os seus botões o Coelho secando-se a transpiração – “por esta semana safei-me”, e 756mil392 euros depois – e que se o Falcon for o 900 já o preço ia até 927mil784 €pides, e se quiserem fixar a media destas medias (927mil784 e 585mil000) daria 756.392 €loides cada reuniãozinha *bruxelensis* só em gasolina aérea e talvez manutenção. Já de volta do conselho o Coelho diz ao piegas do Piegas – o Piegas, não devem ter ouvido falar, é o secretário detestado da cultura-in ou talvez da in-cultura –, dizia, diz ao Piegas que há que insistir, que está tudo uma verdadeira Desgraça Moura, e que é para ir já cortar 38% a todos e a cabeça ao Mora Ramos que de todos modos para o que a utiliza já não há pachorra. E sobretudo não há necessidade.

(A insanidade estatal contamina o país de insanidade nacional tudo muito normal, agora em verdadeira fragmentação verbo orgânica, como os carros de carburador entupido).

Uma didascália pouco clara, e ainda menos de souza, poderia assinalar que deste modo talvez ainda se agunte uma semaninha mais o jardim off shore da madeira que desde que foi alberto (open) é massacrado pelas aves agoirentas e o nosso vinho Humpty Dumpty, que se nem sempre é bem querido por nós, ao menos é um verdadeiro *psdelo* para os outros, e mal de muitos, já se sabe, ao menos nos faz rir ².

que esta ocorra sem vicissitudes ou reconhecimento pessoal.
Secundo: que não haja mesmo necessidade ou plausibilidade na sucessão de acções ou na personagem de mudança de fortuna.
Terço-eiro: que ocorra uma alteração incidental da fortuna o que esta acompanhe a personagem.

² Sócrates e o actual primeiro ministro propuseram dois tipos de valor catártico. A sua classificação se relaciona com as diferentes maneiras de desenvolver o *pathos* e pela resolução do jogo trágico para promover a catarse em sua plenitude. Tal pode vir a ocorrer pela combinação da execução da acção central, mas também pela identificação pessoal que o público ou a falta dele pode vir a fazer

(De regresso à explicação:)

Emprego e taxas – o papel dos figurantes verdes

Eu não sei vocês, mas eu, sem ter contado, acho que até agora já levamos várias centenas de personagens. Claro que há muito papel secundário, e os principais e os higiénicos até agora são poucos. E nem quero falar de Renova, nem de acção. De todos modos como é muita gente, a poupança em termos de produção já se justifica completamente. Fica, isso sim, o problema do desemprego. Estando entre aqueles que têm as taxas mais altas de desemprego da união – des-união dá vontade de dizer, não é? – isto de cortar teatralmente na despesa cultural onde só com esta peça se poderia criar uma o duas ou mais, dez centenas de postos de trabalho, mesmo se trata-se dum sector de actividade que se preferiria ver inactivo, pode não ser visto com bons olhos pela Rainha Vermelha do Leste. Mas cortar por cortar, melhor cortar lá. Outra coisa seria cortar no entretenimento público massivo, que gera mais iva e não só, até turismo, como fica demonstrado até com as Férias de Filipe, o que não é o caso do outro teatro, esse de ir a pensar e a chatear as pessoas, que os gajos nem conseguem para o prazer de apanhar o eléctrico, o 38

- Não, o 28 é que quer dizer.

- Não, o 38. O 28 passou a 38.

Neste lugar a didascália explicaria a história dos dois Alvaros. Não. A didascalia não pode. A didascalia poderia, no máximo, indicar “flash-back”, ou outra coisa do género. E alguém poderia continuar com a história pegando-lhe por outra ponta.

Alvaros

Temos dois Alvaros envolvidos no assunto. Um acima do outro abaixo da rua da Emenda. O de cima não parece totalmente ter

com o que está a ocorrer no palco.

emenda: na realidade tem entrada nos seus aposentos pela rua da Horta Seca no seu cruzamento com esta. E é pelo facto de estar ministro que tem acesso a dito imóvel, a telemóvel e a ser chamado de sua excelência apesar de preferir ser simplesmente Álvaro. Ou outro é simplesmente Álvaro apesar de que preferiria largamente ser chamado de sua excelência, sua alteza real, sua eminência ou, o que acharia ainda melhor e mais apropriado, sua santidade. Tem acesso pela rua da emenda porque mora mesmo nela e, não sendo ministro, é escritor, escreve, e teria escrito a tal peça se não se tivesse cortado com o projecto e a cabeça do Fernando Mora Ramos.

(Entra o Álvaro vestido de Papa e senta-se na cadeira papal assumindo que faz de figurante em festas de papado e cortejos históricos, quando não de Pai Natal, e que com isso ganha a vida já que de escrever a coisa está mal – mesmo Papa não tem Falcon.)

O trágico piquenique

Álvaro, o que gostaria de ser chamado de sua excelência, tinha proposto ao Mora Ramos escrever uma peça comemorativa do centenário da guerra de 1914-1918, na qual um louco que se diz chamar Picnirp Olirvag, mais conhecido pelo pseudónimo de “Pick-Nick”, faz uma massacre comemorativa em Davos em Fevereiro de 2014 na qual mata uma boa parte dos nossos belos dirigentes que tão bem nos dirigem ao mesmo tempo que massacraram comemorativa e descomemorativamente por outras paragens. Ah, e com tanta claridade. A direcção. Porque sabemos todos muito bem para onde é que nos está a dirigir nossa magnífica “elite”, não é? Estão a ver? Se houvesse didascálias nisto se perceberia perfeitamente que a palavra elite em cima está escrita entre aspas, e não haveria necessidade de dizer: “- Aspas “para onde é que nos está a dirigir nossa magnífica aspas elite fecha aspas não é?” fecha aspas. Não é? Bom, não interessa. Então a ideia do Álvaro – que bem gostava que o chamassem mais não fosse uma vez de “sua santidade”, mas a sério – era a de que este atentado – o de Davos, não o outro –, teria a mesma repercussão que teve o de Sarajevo em finais de Junho de 1914 no qual morreu

o arquiduque de Áustria Francisco Fernando assassinado por um nacionalista jugoslavo serbio da bósnia chamado Gavrilo Princip, que é anverso do reverso do nome do personagem de 2014 Picnirp Olirvag. Gavrilo Princip Picnirp Olirvag, Gavrilo Princip - Picnirp Olirvag, Gavrilo Princip - Picnirp Olirvag.

A ideia de uma guerra-efeméride do centenário da grande guerra é uma grande ideia. E não só para uma peça, senão para uma guerra.

Repito: A ideia de uma guerra-efeméride do centenário da grande guerra é uma grande ideia. E não só para uma peça, senão para uma guerra. Que fique claro. É que a ideia de uma guerra-efeméride dava uma grande guerra. Mesmo uma grande, uma imensa guerra... Que aliás até nos sacava desta crise da que nenhum político sabe sair. Incluso, se tivermos sorte, até ficava muita menos gente e tudo. É que 7 mil milhões não dá. Por um lado. Por um lado, por esse lado, é demais. Claro que ninguém quer ter que ser ele a deixar de viver, mas em realidade assim não dá, o planeta não aguenta. Mais por outro – lado –, é preciso cada vez mais consumidores, porque o problema consiste em que só conseguimos fazer pagar aos seres humanos.

- Deshumanamente.
- Mais só eles.
- Daí a contradição.
- E não encontrar saída para o assunto.

Enfim, por isso: como para 2014 precisaríamos de algo assim como 40 bilhões de contribuintes para nem assim chegar ao even nas contas, o ideal então seria encontrar alguém, e que esse alguém rebente em 2014, de puro efeméride, com Davos ou com qualquer outra coisa do género... E olhem que que dar muito jeito a muita gente, dava. Em Davos ou seja onde for que seja.

Senão vejam lá a pressão que aos poucos estão a meter com o Irão. Por exemplo. Que até quando for o caso que realmente venha a ter uma bombinha, a coitadinha ficaria atomizada quando comparada com as centenas ou milhares que dispõem americanos, israelitas, ingleses e franceses, algumas das quais, não sei se estão

ao corrente já até fazem parte do arsenal convencional, não sendo já sequer precisa ordem presidencial para a sua utilização. Claro que trata-se de um tipo de armamento sofisticadíssimo avançadíssimo e sobre tudo inteligente e inofensivo para a população civil e não terrorista (ou seja ninguém em Irão), umas bombinhas que alias até são bastante fraquinhas: só 6 vezes mais do que a de Hiroshima. Nada. Nada comparável com o perigo substancial que sem dúvida, bom, com dúvidas, mas não interessa, representa a tal bomba iraniana que caso existir o mais provável é que seja até mais fraca do que as algumas das bombas termobáricas “convencionais” que os americanos utilizaram massivamente em Afeganistão, o que a transforma em muito mais perigosa visto que caso consiga explodir viria sujar nuclearmente a região de um modo inaceitável, já que os retrógrados nem sequer conseguem fazer bombas que não deixem rastro. Sobre tudo mediático. Que é como deve ser e como se usa em USA e em qualquer pais civilizado, ou seja dos que lhe seguem a corrente.

Crescimento global

Bom – Boum! – Bom-bom. Quando lhe disseram ao Álvaro da ideia do outro Álvaro pareceu-lhe muito boa até deu-lhe vontade da patentear (dito assim é muito mais fácil saber qual Álvaro é qual). Era evidentemente uma maneira de criar emprego. Uma grande guerra em palco é muita fruta. (...) Didascália: *o fundo do palco transforma-se num vídeo gigante com milhares de pastéis de nata. O actor ri-se discretamente e espera um tempo antes de continuar.* (...) Não sei se estão a ver, mas o número de actores acaba de aumentar astronomicamente. É só para que não percam o fio a meada.

O cenário de guerra da peça tinha – tem – por onde se lhe pegar. Começava – começa – por uma conferencia de imprensa fake, mas a que se segue outra verdadeira que anuncia o começo da Guerra 14-18 a partir do tal atentado de Davos que, quer exista quer não, passa pela televisão pelo que toda a gente acredita. Lá já não se sabe muito bem que é verdade e que não. Ou seja igual que agora. Mas em lugar de falar de taxas (e) de juros e de jurar que não há cash para tanta dívida, fala-se de arsenais. Convencionais, nucs,

biológicos, químicos. Serve tudo. E basta uma merdinha cá, para que rebente tudo por toda parte, como o da “primavera árabe” numa versão um bocado mais “in-v-f-erno global”.

Publicidade

Já vos tinha dito que o Coelho tinha pedido para dar grandes passos nos cortes ao piegas do secretario Piegas. Pois. Aí esta. Já voltamos. Não mude de canal. Cá a didascália diria que o actor ia mijar, e uma nota de rodapé faria lembrar a quem não se lembre que o Beckett quando era jovem, reparou que nas peças de teatro até nas mais realistas, as personagens não mijavam, não tinham nunca vontade de mijar, e daí que em *Godot* e na última fita o *Gogó* e o *Krapp* mijam. Que o *Krapp* mijem, alias... não interessa. Enquanto o nosso actor parte para mijar, é que entra a parte da publicidade. *Vasenol* creme *Balsemão* esta semana no pingo doce que foi para(r lá para) Holanda que lá é que sabem como tratar os contribuintes. E o actor voltava antes do fim da publicidade.

É que a publicidade dura muito mais tempo do que o legal. Tem vindo a diminuir, mas mesmo assim já lá vão uns 20 anos que levam mais de uma hora por dia de publicidade gratuitamente em negro. Já disse, tem vindo a diminuir este roubo descarado ao estado, não ao estado não, a todos nos, aos contribuintes, quando falamos de roubo ao estado em realidade estamos a falar de roubo a nos mesmos, em realidade é como se um gajo metesse a mão – o bálsamo-mão – no bolso de cada um de nos. Voltemos a pôr *Vasenol*: a hora roubada de publicidade cobrada na mesma, significa em media 60 vezes 365. 21mil 900 minutos-ano. Trata-se, alias, de hora roubada durante os horários de ponta nobres, ou seja a preço forte. Mas vá lá, não por isso vamos ser uns usureiros horríveis como o coitado do *Shylock* e pormos a cobrar exageradamente; fixemos a... digamos 50 € o segundo de publicidade. baratinho, não queremos nada de escândalos. 50 x 60 segundos, dá 3000 €akos o minutinho de publicidade. Baratucho, há que reconhecer, e multiplicado por 21mil 900 deixa-nos um bocadinho mais de 65 milhões: 65 milhões e 700 mil, para ser exactos, 65 milhões e 700 mil €onios-ano livres de qualquer tipo

de imposição. O preço do Falcon 7x de que vos falava faz pouco, e que, como já vimos, até poupa em combustível. E isto durante vinte anos faz mil 314 milhões. Por canal privado, que, privadamente, foram para a mãos de? Não? Não se sabe? Uma quantidade enorme de massa que não é tributada. Limpa. Tão limpa como sai a minha do meu bolso.

Subsidiodependência e os da Quinta

A publicidade, já disse, dura muito mais do estipulado por lei. Mesmo se, também já disse, o tal roubinho tem vindo a diminuir. Seguramente devem ter encontrado outras fontes. A publicidade legal, a do dinheiro tributado, não sei se sabem, prevê uma taxa – taxa que os privados bem se privaram de pagar durante muitíssimo tempo – que devia ser paga ao ICA, ICAM, IC, ICP ou qualquer outra sigla que for como se chame o instituto de cinema, para financiar a produção nacional, uma banda de subsidio-dependentes de merda que, segundo reza a Desgraça Moura, sem ajudas não eram capazes de sobreviver. Nem evadir ao fisco sabem, nada. Saltimbancos, diz. Para coisíssima nenhuma, nem para putas, nem sequer fazer-se eleger deputados; nem europeus, nem simples. Nem insultar nos jornais e inventar polémicas inúteis, nada, nem roubar os muito burros. Só assaltariam um banco se estiver escrito num guião. Não como a gente, que nem precisa assaltar justamente porque quando precisa já conhece o guião: Se faz deputado europeu, nomear num conselho de administração ou numa direcção de alguma fundação com fundos chorudos e que não precisa de render contas a ninguém, ou seja o que for e não precisa de render contas a ninguém. Como faz qualquer dono de canal de televisão responsável, que além desses conhece todos os outros truques que são precisos como o pão para boca para poder ameaçar o poder político com vir a ter de despedir montes de empregados da emissora. *Sic*, que já o ouvi dizer textual tal e qual mente: Que quatro canais abertos é uma exageração economicamente inviável. Será por isso que sem algum dinheirinho extra em negro quase que não lhe seria possível manter este serviço público que generosamente oferece a comunidade, e nem sequer a casa na quinta da marinha ou as

contas offshore ou o Falcon na Portela. Uma vergonha.

Prestar contas e Portas

É esse avião, o que do dono do canal acaba de comprar graças a que nos não protestamos porque só somos Saltimbancos, o que apanha o Coelho que nem pensa em levar o secretario Piegas para ir a reunião com a Rainha Vermelha e o resto do grupo dos baralhados paus mandados em copas. E vai prestar contas. O problema é que as contas não batem certo. E o primeiro que se faz perguntar o coitado do nosso Coelho é “Então? O que é do Mora Ramos?” ao que o leporídeo respondeu do tac ao tac “- Der Mora Ramos ist aufgeräumt”. “- Cortaste-lhe a cabeça?” pergunto a sua vez a outra outra vez “-Ich schnitt es er 38 Prozent” respondeu-lhe o Coelho, que imediatamente percebeu que tinha cometido uma gaffe. Não pelo seu alemão, que mesmo inventado pela Google-translator estava suficientemente bom como para que a Rainha nem se apercebesse; senão por não ter dito com clareza que o kaputt do Fernando Mora Ramos, ou ao menos a sua Kopf, estava shnitt a um cento por cento e não os míseros 38 por cento que o incauto tinha dito, mas tentou corrigir o tiro dizendo quase instantaneamente “-ich bedeutet... 38 Prozent seines gesamten, Kopf enthalten”. “- Ach so” acalmou-se a Rainha das Caldas e do Teatro que se tinha fechado em Copas e não tinha terminado de falar ainda quando lhe salta a tampa ao Sarkófago que sai inquirindo que quase parecia que lhe ia aos cornos ao nosso coitado Kaninchen “- E os outros? E o Álvaro?” “- O Álvaro nada, que é um dos nossos... se até queria oferecer o seu subsidio de ferias de Natal aos chineses”. “- Não, esse Álvaro não, o outro Álvaro...” “- Ah! Do outro nem temos noticias. Alias o gajo nem sequer é português-português, na totalidade, tem imenso sotaque. Nos só o consideramos português por razões fiscais, mas mesmo assim. E já ouvi dizer que sem o 38 por cento deixou de pagar a quota ao Silvério e que tem o Mac Brook sem Peter e nem sequer Pro e a crédito mal parado e que daqui a nada só conseguira escrever se for com lápis e ainda emprestado. Já nem sei se tem para as folhas. Papel higienicamente já usado é que tal vez consiga. Com o que lhe aumentamos o preço e as tarifas das medicações já

nem sequer consegue ir almoçar todos os dias como dantes.” “- Sim, mas isso foi porque o tal stent que lhe meteram não funcionou como previsto” intromete-se o Paulo Rumsfeld Gates, o caradura-real-cabralão, olhando para atrás temeroso que ainda que apareça alguém que venha lhe querer fazer um aborto retroactivo de rattrapage como há quem ache que bem merece... “- E tu como sabes?” atreveu-se a perguntar o nosso mamífero fodedor lusitano, “- Eu cá tenho as minhas fontes...” respondeu-lhe o semi-narista persignando-se e olhando sempre para trás mas mais baixo que os seus botões, numa muito bicha longa, não seja que apareça algum torturador praticar-lhe um submarino desses que se fazem em Guantánamo e que ele gosta. Mas só para ver.

A grande decisão

Mas o importante é que lá, a coisa ficava clara: Nada de teatro. Essa era que era a premissa. Não esqueceram que antes da publicidade tinha ficado no ar a indicação que vinha de cima que agora só faltava circuncidar definitivamente os 62 por cento com o qual ainda pareciam poder respirar os dois patetas estes de que falávamos e o resto da caterva de profissionais dessa profissão, de saltimbancos, que mesmo nem gostando deles até os defendem. Ao tal Mora Ramos e ao outro, ao estúpido do Álvaro (não, esse não, o outro); igual que faz o nosso primeiro roedor com o Ovo *psdorento* da Ilha. E também ao outro. (Sim esse sim, é esse.)

Epistemologias meta-textuais

Neste lugar ficaria indicado “Intervalo”. Mas não posso jurar pés juntos de que se trata ou tratar-se-ia duma didascalía. É como a palavra “Fim” no fim do texto. Não se sabe bem ao que corresponde. Isto quer dizer: é o intervalo, mas o intervalo não é, pode não ser uma didascalía. O intervalo é um intervalo. Pronto. Acabou-se. E não é uma didascalía. Indica-se, como uma didascalía, mas não é uma didascalía. É um intervalo. Se se tivesse previsto com antecedência (eu só sei prever se é com antecedência, é uma limitação que tenho), seria possível pôr publicidade. Ou

fazer uma didascalía na qual se anuncia que durante o intervalo, na sala projectam-se publicidades. Seria uma maneira de arranjar algum financiamento e conseguir não diria pagar a produção da peça completamente mas talvez uma percentagem, digamos, digna.

Apple

E é no intervalo, na publicidade, que agora está o espectáculo. O que não é conveniente que seja feito nos teatros é o que se faz por ahí, na sujidade espectacular da sociedade do espectáculo. Vejam-lá: Apple. A Apple tributa só 2,5% dos seus benéficos fora dos Estados Unidos. Google, que no ano 2011 teve um benefício bruto no estrangeiro de 7.600 milhões de dólares – sensivelmente mais que os 4.700 milhões que fez nos Estados Unidos – pagou impostos por um valor de 2.341 milhões ao tesouro norte americano enquanto para toda Europa pagou só 248 milhões os quais maioritariamente foram a parar integralmente aos cofres irlandeses.

Mas há mais: Microsoft, Facebook...

Empobrecido, o Urânio Barroso enriquecido à custa de *salarium giga bruselensis* faz como se não soubesse nada disto. Tal vez seja por causa da ~~emissão~~ comichão...

Curta Informação

Depois do intervalo e a venda de gelados e as participações nas empresas do estado, a coisa recomeça com a voz off do Coelho que diz ao Piegas: “- Vai me chamar a Desgraça Moura”, e o Piegas, que estava com um férreo Mega-problema abaixo do braço com o qual já nem sabia que fazer, lá foi sem piar.

A solução final

Ao chegar a Desgraça de Mauritânia procedente improcedentemente doe Nouakchott à moura capital do dito país

ilimítrofe, quase, quase que antes do aperto de mão já é inquirida a sua opinião, pelo que o melhor – pensa o tripeiro ao enganador nome de alusão magrebina – é aclarar as regras antes do jogo: “- Eu só opino quando sou pago para isso”. “- Já que entramos no terreno das confissões, veja como são as coisas, a mim pagam-me, e bastante chorudamente (comissões aparte), e nunca tive opinião nenhuma” opina o fofinho e orelhudo roedor, não se sabe se irónica, iónica ou outra mente ou ordem grega das de pensar que deve achar que se ajusta ao momento e as taxas de juro. “- Mas diga lá na mesma, que acha que se pode extirpar ainda?”, “- Eu em geral sou a favor de estar contra, de seja o que for, mas neste caso, estou a favor e não tenho a mais mínima dúvida: Os saltimbancos.”, responde esdruxularmente o desemprególogo. E que conste: a exdruxulidade está no seu adjetivo, e não no conteúdo do que diz. Nem do que não diz (inclusive do que não diz mas parece que diz, o do que diz que não diz nem de qualquer etcétera que disto possa vir a resultar). “- É só fixar-me um salário de jeito e acorde com a tarefa e eu garanto-vos que não deixo ninguém com emprego no sector, e por arrasto vão com eles uma caterva de outros dependentoides – médicos, investigadores, cientistas e afins – que só emigrando como os jovens licenciados é que se calhar sobreviviam “- Todos esses já foram”, “- Onde? ah, já percib... Já era hora. Não há que deixar títere com cabeça”, corta pelo sano doentamente o cincuncidador portuense. “- Agora o que precisamos é de outra coisa; de alguma coisa para dar nas vistas, de um sacrifício qualquer, ou melhor ainda, de um programa que contenha alguma coisa que possa vir a confundir-se com uma estratégia”, “- Sorte foi que os eleitores nem ligaram ao assunto durante a campanha eleitoral”, “- Pois é”, “- Pois é. Temos que ver o que temos.”

“- Ô coelho, não se descuide, olhe que ainda há quem seja inteligente entre as pessoas que têm visibilidade mediática e social. E até política. E eu sei bem do que falo, eu que até posso tê-lo parecido, a força de estudar-los”. “- Parecer o que”, parece que perguntou o Coelho ao autor desse passo que acabo de recitar. “- Parecer inteligente” parece que foi o que respondeu desgraçadamente o basco de moura origem. E aí é que quase que explode nem sequer sem querer atentar nem sequer contra ele o

nosso primeiro infinistro; que mais E.T. que E.T.A., tranquiliza-o, “- Ah, mas disso nem se preocupe, que ninguém no seu bom senso o acha assim tão freak quanto isso. Todo o mundo sabe que o seu é só fazer de conta”. A nervosidade do desgraçado mouro-vascongado-triportuense deixava-o tremidamente a tremer de modo destremido: a letra r ficou lá de tanto estremecimento, e assim foi que o destino, nesse silencio quis que se cantasse

O fado dos ministérios

Bastou um estalar de dedos e a nossa Katia-Mariza, guerreira e nacional, acompanhada pelo cavaquinho pôs-se a cantarolar o último fado que já nos tinha descomposto o nossa Desgraça Moura – que vinha bem preparadinho a reunião, há que reconhecer-lhe: “- Pode parecer outra coisa mas não é: Chama-se “Os novos ministérios de Lisboa”, e trata-se de um verdadeiro programa que, baixo o aspecto de uma sensível e saudosa listagem esconde seus segredos, as suas secretarias – algumas até deram-me as suas direcções e números de telemóvel – e os seus queridos entes reguladores de desregulação”:

Ministério das Finas Danças

Ministério da Ergonomia

Ministério da Disfunção Pública

Ministério da Aceleração Particular

Ministério do Ponto Morto e da Marcha Atrás

Ministério do Malabarismo e da Corda Bamba

Ministério das Esferas

Ministério do Azar e dos Santos Jogos Misericordiosos

Ministério da Queda e dos Joelhos

Ministério do Acordar e da Ressaca

Ministério da Desintoxicação

Ministério dos Pequenos Assuntos

Secretaria de Estado da Miscelânea

Secretaria de Estado dos Aperitivos e Petiscos

Secretaria de Estado da Vadiagem e dos Tachos no Estrangeiro

Secretaria de Estado do Dominó – Direcção General do

Desmoronamento

Secretaria de Estado da Castidade e da Anorexia – Direcção
General do Cansaço
Secretaria de Estado das Patentes, da Bulimia e dos Pastéis de Nata
Secretaria de Estado da Maionese e dos Molhos Batidos
Secretaria de Estado da Função Clorofiliana – Direcção General
do Dentífrico
Ente Regulador das Cáries e dos Imprevistos
Ente Regulador do Futuro e de Todo Tempo Passado Foi Melhor
Ente Regulador da Calma e do Bom Gosto
Ente Regulador do Sorriso
Ente Regulador da Meteorologia e das Grandes Marés
Ente Regulador da Acidez e dos Objectos Granulosos
Ente Regulador da Tábua dos Logaritmos
Ente Regulador dos Algoritmos
Ente Regulador do Cérebro, Outros Imprevistos e Por Aí Fora.

E por aí fora.

“- Isto poderia ser uma versão. Isto até agora. Mas há mais”,
explica o desgraçado mouro enquanto preside a reunião da
Associação Auto-imóvel de Portugal.

Jet Set

E é verdade: Com a Massa Sara Leal entrada pelo fado-canção e
também pela venda de todas as empresas estado aos chineses já
dava para aguentar ainda umas semaninhas de salários da nossa
classe dirigente sem ter que ir a pedinchar emprestadas mais umas
couves a Bruxelas.

“- E com essas mudanças de nomes – mente e/ou demente o
imoral Sarmiento – até parece que vamos fazendo qualquer coisa, e
ficamos inatacáveis. E além disso vamos indo... (on-going...)”

“- Lindo”, rima com naturalidade genética e sem pensar no
assunto a muito pessoana Caeiro que acha que desde que casou
com o-filho-da-poeta do Miguel tem ainda mais facilidade para
opinar neste tipo de dispensamento.

Fa-Do Partido

“- Eu cá tenho inteiro o fa do partido” dizia lá e ia indo o Português todo Partido do Partido Indo Português. “- Lindo”, insiste a rimar loiro Teggy a quem já pedimos que não insistisse no assunto mas não há caso. “- Bom” – diz o Indo-Português do Partido: cá vai: é assim: ouçam: calem-se: silencio: vai-se cantar o fá. E depois o do.

Partido

Partido Inteiro

Partido Unido

Partido Unido Inteiramente

Partido Todo Unido

Partido Todo Partido

Partido Todo Inteiro

Partido Inteiramente Partido

Partido Inteiramente Partido Inteiro Todo Unido ao Partido Todo Partido

Partido Todo Inteiro Unido Inteiramente ao Partido Todo Partido Partido pelo Partido

Partido Todo Inteiro Unido Inteiramente ao Partido Todo Partido Partido pelo Partido Inteiro

Partido Todo Inteiro Unido Inteiramente ao Partido Todo Partido Partido pelo Partido Inteiro Unido ao Partido Unido Inteiramente

Partido Todo Inteiro Unido Inteiramente ao Partido Todo Partido Partido pelo Partido Inteiro Unido ao Partido Unido Inteiramente

Inteiramente Partido pelo Partido Todo Unido Todo Inteiro

Partido

Partido Fa

Partido Do

Partido Re

Partido do Repartido

Partido do Re repartido Fa e Do

“- E por ai fora. Jazz-ta: é isso. E isso é fado”, diz o presidente da câmara que desde que deve ouvir fado profissionalmente... não interessa. “-Bom. Eu vou indo” agrega indo emigrar o indo-português muito mais português que indo.

“- Nada a ver com a politiquice de aquele filósofos” acresce olhando licenciosamente para a Relvas ³ do estádio da Luz da EDP a popular diputarada (a quem de uns meses a esta parte até parece que o miguelista sonso Tavares incita-a), que já de pura excitação nem sequer parece dar uma importância singular ao plural, mas dito – isso sim – pensando – isso não – lembrando-se, ao máximo e bárbaramente no Carri... no Sócrates⁴. “- E nos conseguiríamos fazer ainda muitíssimo mais nada do que eles e com muitíssimo menos”. Mas já ninguém lhe liga nenhuma; a exceção do Paulo Rumsfeld-Ratzinger-Cabral que, sabe-se, tem um fraquinho por ela que já vem incluso de muito antes dos tempos do holandês da Endemol. “É que ela sempre teve um bom gosto invejável para escolher as companhias”, pensa submarinamente, sem verbalizar à superfície, o nosso mini histrião de e em todos seus estados ⁵.

³ “Ô pessoal : O meu título é a título pessoal!” entoa sozinho em coro o Relvas, maquinalmente.

⁴ Se até já nos tinha advertido o primeiro filósofo ministro que passou inadvertido durante seis anos: “- *A tragédia da tragédia é ser superior aos outros géneros porque contém todos os elementos da epopéia (chega até a servir-se do metro épico), e demais, o que não é pouco, a melopéia e o espetáculo cênico, que crescem a intensidade dos prazeres que lhe são próprios. Possui, ainda, grande evidência representativa, quer na leitura, que na cena; por consequência, se a tragédia é superior por todas estas vantagens e porque melhor consegue o efeito específico da arte é claro que supera a epopéia e, melhor que esta, atinge sua finalidade.*” “- *Assim resulta que a **Tragédia é superior a Épica em todos estes aspectos**, e, além do mais, preenche sua função específica melhor como arte (...) atingindo seus fins perfeitamente*”, teria chegado a conclusão ao concluir o doutorado médico canarinho ídolo do esporte.

⁵ Que também tem uma admirativa admiração pelo bonitão do outro mini-pp-istro, o Mota Só Ares, que cada vez que é confrontado com o olhar seductor e intimidatório do correligionário, com a segurança social que já se lhe conhece o gratifica solidário com uma frase cinematográfica do género : - Be calm. Remain in áreas offering maximum shelter protection. God bless you.

Ao qual, Relvas, sua ceniciencia cinzenta, já que é o contrario de

Gregos e, não havendo troianos, palhaços: coros e contracenias

“- Isso: Mais futebol e menos alfabeto. Já temos um Cristiano Ronaldo, agora só falta-nos para completar vir a ter um Muçulmano Bushe, um Judaizinho Baraquinho um Agnosticano Jorginho We, e, caso vira precisar-se, até podemos importar nacionalizar e passaportear um Iurdino Dilmo Gaúcho como fazem todos por ese mundo fora”, apita cá dentro, dourada, e electrodomésticamente o major *Major* de Gondomar, depois de observar o comportamento dos chimpanzês selvagens durante alguns meses até transformar os seus eleitores e as suas torcidas em clones dele. E o herói da in dependência (tratar-se-a de uma dependência *in?*), e é do fundo do seu estatuto de eminência ética do partido partido em dois partidos inteiramente no poder que remata: “- Assim era que safávamos de vez de tanto palhaço intentando cuspir na sopa”; coisa que não deixa escapar e anota (“...na nossa sopa”) apresando o passo o Coelho para não esquecer de dizer-la depois na próxima reunião em Bruxelas enquanto olha cinicamente para os gregos.

“Gregos e palhaços. Isso é que é uma boa definição da crise. Dai o assunto do teatro, e do teatro do teatro. E a necessidade de terminar de vez com toda esta merda”. Finalmente uma iluminação, algo com que atirar às feras e acalma-las. Uma ideia decente, bom, não, mas consensual, isso sim, e que desvia a atenção da inoperância da classe governante, da ruling class. Da nossa querida ruling class. Sobre isso não há dúvida: os amigos e colegas iam estar todos de acordo. Um acordo muito mais que ortográfico. É só avisar a imprensa.

cualquer eminência; o que o transforma numa espécie de ceniinciencia que por alguma razão está (sempre) lá pensa olhando para o miúdo paternalistamente “Se pusermos-lhe um braçal daqueles vermelhos que usavam-se faz umas décadas lá por uma boa parte de Europa, o miúdo ficaria mesmo muito parecido, muito muito parecido mesmo ao amigaço Pepe Goebbels”, enquanto fecha a loja o grande mestre.

E, enquanto para festejar esta trouvaille inesperada que ao fim de contas vem arranjar muita coisa decide-se criar dois novos ministérios, um maxistério, um megastério e três pequeníssimos microstérios para que os miúdos da jotaesedé também tenham com que brincar.

Em Bruxelas o coro de gregos declama tragicamente: “- É o destino”, fundindo e confundindo tragédia e comédia dramaticamente todo em um. *Panes et circensis*.⁶

“- Olhem que nós não somos os gregos” apresam-se a avisar depois de ter ouvido o latinismo sem perceberem bem o assunto o

⁶ Credores europeus exigem à Grécia 38 alterações na política fiscal e despesa pública

Mudanças terão de ser cumpridas até final do mês e são o preço a pagar pelo segundo programa de ajuda no valor de 130 mil milhões de euros.

Os países credores europeus estão a exigir à Grécia que faça 38 alterações que abrangem medidas de política fiscal, despesa pública e negociações salariais. As mudanças terão de ser efectuadas até ao final do mês e de acordo com o *Financial Times*, que cita um documento de 90 páginas, são o preço a pagar pelo segundo programa de ajuda no valor de 130 mil milhões de euros.

O diário britânico avança que as medidas incluem áreas tão diversas como a centralização de seguros de saúde, registo de propriedade, alterações na prescrição de medicamentos ou a definição de stocks mínimos de petróleo. São descritas dez acções prioritárias que devem estar concluídas até à próxima quarta-feira para que os ministros das finanças da zona euro possam dar o aval final ao resgate grego, numa reunião de emergência que está agendada para quinta-feira.

A Grécia terá de reduzir os gastos com medicamentos em 1,1 mil milhões de euros e liberalizar profissões como trabalhadores de salões de beleza, centros de dieta ou guias turísticos. Algumas das medidas já estavam previstas, mas o Governo tem enfrentado forte contestação popular, com greves e manifestações que travaram a sua implementação.

Coelho e o cavaquinho. “- Nos marcamos o Passos”, diz ainda este último sem ajustar a singularidade. “- Tomara fossem”, gritam em coro gregos e alentejanos, antagonistas de tanto protagonismo.

O coro grego divide-se em duas partes. A primeira é um coro grego. A segunda mais pequena mas – pouco – representativa são os deputados. Consequentemente os cânticos do coro grego dividem-se em dois: Os que de-putam e os que dizem. O canto dos irrepresentantes é bem conhecido: “- Nos não somos gregos”, “- Nem somos bem portugueses”, “- Isso”, “- Há que ir mais longe”, “- Mais Alemão”, “- Mehr Kehl” e por aí fora. O dos outros já dissemos é forte, digno e claro: “- Tomara fossem”, “- tomara fossem”.

Em relação aos alentejanos alargados e agravados pelos algarvios, ou seja al(g)arg(a)(vi)ados: pode –se dizer o seguinte: trata-se de gentes originárias de Grândola, Grândola-Grândola, Grândola do sul (Algarve), Grândola-norte e Grândola-ilhas (todas): É que não devemos esquecer: todos os caminhos vão parar a Roma: à Roma dos *panes* e do *circensis*.

“- Tomara fossem” insiste o coro grego dos gregos em coro entrando na areia do circo Romano.

- Corifeu contra Colosseo.
- Prodi encontra Berlusconi.
- David contra Golias.

Justamente. Na tribuna de-des-honor o irrequieto do Coelho, sentadinho à esquerda da Rainha Vermelha, justo no momento que o Clube de Paris acerta-lhe com uma flecha no talão de cheques, insiste “- Nós não somos ~~os gregos~~, aqueles” – e se nem diz Aquiles, é porque com tanta pressa que tem o coitado mamífero carroliano nem pensa no héroi, de puro anti que ele naturalmente é – “nos cumprimos” – insiste tentando parecer convincente ou ao menos co-Vicente, – “va , vamos cumprir, faremos qualquer sacrifício, quer dizer, faremos fazer qualquer sacrifício à quem deve-se sacrificar, e se for necessário até vamos trazer a esta colossal areia todos os agravados alentejanos

alargados a-l-g-arg-a-vi-ados que temos que não estejam dispostos a dar um pingo doce do seu sangue pela pátria (sic), a sic, e os valores europeus da Alem, em (ehemm...) (que mania) d’alem de Europa (que manha... isto de dizer Europa, pa).” A rainha vermelha, ocupada que estava a olhar para a sua direita em direcção do Jack La Hire – o também chamado Black Jack, que alias têm um p.i.b. muito, mas muuuuuuito maior que o nosso petiscavel mamífero – e a pensar em coisas mais importantes como, como será que serão as coisas lá do lado Chapeleiro Louco, nem ouviu. Uma pena. Realmente tratou-se dum momento único, duma teatralidade rara e até verosímil. O que teria gostado e invejado o Mora Ramos caso tivesse ainda cabeça, ou simplesmente ainda a cabeça.

Do outro lado – do atlântico e da tribuna de-s-honor – ou seja do lado do Black Jack – que ainda estava todo baralhado perguntando em honolulés a destra e sinistra se isso era ao que chamam “soccer” –, o Camarão-Albião da Ilha pérfida, perfidamente, aplaude como um maluco no instante que os leões começam a comer-se o primeiro grego do coro⁷. O painel do circo máximo oficializa o anuncio avisando ao público uma diminuição das taxas do euribor e do spread. O que por um lado facilita a digestão dos leões – a pesar que os coro dos gregos em coro já estava bastante pré-digerido –, e por outro põe uma boa parte da assistência a telefonar móvil e o mais rapidamente possível para as suas agencias e negociar novos empréstimos e refinanciamentos faseados das dívidas acumuladas.

Unificado, o Coro Grego com todos os Gregos em coro entoam o dolaroso cântico “O Euro é que é o Dracma”.

⁷ É nesse momento que os de-putados gregos que olham em coro o coro grego dos gregos que se fazem comer pelos leões cantam dórica jónica e estrategicamente o cântico “- Também nos não somos gregos”, e “Nos é que não somos gregos, nos não somos gregos” ecoando a coro o eco e o coro grego-jano já sem decoro e tentando safar e desmarcar-se de tamanho almoço e barbaridade e, pior ainda, já sem a menor ilusão de poder recuperar algum tostão mas não seja em conceito de direitos de autor.

Troika e coro grego

“- Não há nada mais sustentável que a insustentabilidade”, algazarram em trio os três troikos assistidos pelos seus assistentes e outros papistas mais despistados e papistas que o Ratzinger, sem deixar escapar uma lágrima pelo destino.

Nem pelo destino do destino.

Nem uma lágrima.

Isso é que é fado, como bem nos recorda o acorde do cavaquinho guerreiro da Katia-Mariza (pronuncie-se *K-Alice*) deste lado do co-esp-elho.

Do outro, outra coisa e boa é que seria se, nesse momento, uns hackers conseguissem infiltrar-se no tal painel do Colosso de Roma e por em directo as informações transmitidas muito oficialmente e até sem mentir pelo site <http://www.usdebtclock.org/world-debt-clock.html>

O Camarão-Albião e o Leprechaun – o anãozinho verde aquele da ilha de em face que quando é a serio não les faz – furiosos que se veriam pelo atentado e por ver os seus trapinhos sujos demasiado à vista avisam: “- Se não tiram isso já daí baixamos-lhes a nota a todos no ranking das agencias de rating”, ao que aquiesce o last man Jack, visto que eles sim, falam todos a mesma linguagem : O Wallstreetês.

Mas não é assim que são as coisas. Por agora. As coisas são como são. Por agora. E vão seguir sendo – por enquanto – até que o coro grego adquira tamanho super - King - mega - Size - XXXL com uma massa insuficientemente salarial mas suficientemente crítica para por, impor, e expor um bocadinho de respeito. E até de medinho. Import e export. Quem sabe.

II

(entremés-es)

3,8 38s curtos

1

- Hay que tomar medidas, argumenta Mr. Smith.
- Ya medí. Y da 38. El resultado es 38, replica Mr. Wesson.
- ¿38?, pregunta Mr. Smith, y rápidamente repregunta: - ¿por cierto?
- Por ciento, responde Mr. Wesson, que rápidamente rerresponde: - Por cierto que por ciento.
- ¿De corte? le rerrepregunta Mr. Smith, y automáticamente Mr. Wesson le rerrerresponde : - Y queda corto. Dice Mr. Colt que queda corto.

A esto le rerrerrepregunta Mr. Smith: - ¿Queda corto como recorte?

- Si, por cierto 38 % es un recorte corto. Al menos para Mr. Colt, dice con silenciador casi Mr. Wesson, que ya no rerrerresponde pero continúa hablando: - 44 ya era mas largo, al menos según Harry, metralla Mr. Wesson que cocontinúa: - al menos 44 ya daba para magnum.

¿Qué Harry? rerrerrepregunta Mr. Smith que como los niños no se cansa de preguntar y rerrerrepreguntar.

- Harry, el capitán sucio, cococontinúa diciendo ya sin rerrerresponder Mr. Wesson cansado de tanta pregunta y rerrerrepregunta.
- Mr. Remington, tome nota de todo. Veamos si la máquina de escribir que inventó en el fin de semana al final sirve para algo. Dicen que dice Merkel y que después Holland & Holland comentan luego: - Ya veremos si consigue escribir mas rápido que lo que ya bajó el índice de desempleo con la ametralladora que inventó durante la semana anterior. Que esa sí que sirve para mucho.

2

- 'Tristezas não pagam dívidas, ministra Álvaro. O Álvaro ministro.
- É o destino, declama tragicamente o coro de gregos.
- Alegrias também é que não, zarkofica Passos ao coelho corifeu, como lhe tinha pedido a Merkel que zarkoficasse.
- Alegrias mas que fado é flamenco, entoa guerreira a Katia-Mariza sempre acompanhada pelo cavaquinho.
- E o flamenco, sabe-se, é um queijo holandês pintor. Afirma afirmativamente o matrimónio parental da inhumanidade, que em nada desmerece.
- 'Tristezas não pagam dívidas, alegrias não pagam dívidas; nem a tragédia paga, nem o fado, nem o flamenco. Tchau e um queijo, diz Francamente o António ao Loureiro que já viu melhores Dias.
- Como nós: Se nem sequer pagam, ainda menos dívidas, especula o Rendeiro, sem pôr nem pôr. Só por tirar.
- Sem tirar nem pôr, não vejo como é que alguém se pode endividar, e ainda menos pagar, santifica com certo Espírito o Ricardo sem tirar nem pôr, nem a mão no bolso, nem seja o que for.
- Sem pôr a mão no bolso das calças e tirar, não vejo como seria possível seja o que for ou se aqueixar, queixa-se precoce Strauss-Khan à primeira a passar.
- Estamos fodidas, apercebe-se la garde da directora substituta do FMI.

Credores europeus exigem à Grécia 38 alterações na política fiscal e despesa pública

Mudanças terão de ser cumpridas até final do mês e são o preço a pagar pelo segundo programa de ajuda no valor de 130 mil milhões de euros.

De acordo com o *Financial Times*, que cita um documento de 90 páginas, as medidas são o preço a pagar pelo segundo programa de ajuda no valor de 130 mil milhões de euros. As mudanças terão de ser efectuadas até ao final do mês e abrangem medidas de política fiscal, despesa pública e negociações salariais.

As medidas incluem áreas tão diversas como a centralização de seguros de saúde, registo de propriedade, alterações na prescrição de medicamentos, na alimentação, nas dietas ou a definição de stocks mínimos de petróleo. São descritas acções prioritárias. A Grécia terá de reduzir os gastos com medicamentos e liberalizar profissões como os guias turísticos, fabricantes de antiguidades, maquilhadoras e outros trabalhadores de salões de beleza e branqueamento de capitais, colectores de lixo, de impostos, vendedores de automóveis e imóveis.

Vários sectores ainda não privatizados deverão vir a se-lo na brevidade: as telecomunicações, os museus e sítios históricos, as praias, os passeios, as escadas fixas e rolantes, as passarelas e o passado. Algumas destas já foram privatizadas, como os mariscos, e outras já previstas estão presentemente em vias de privatização: os cocktails molotov, a contestação popular, as greves, as manifestações, as vendas a crédito e o futuro.

O ministro da Adversidade adverte no entanto que o Governo travará qualquer intento de privatização e que a adversidade seguirá sendo propriedade do Estado e do povo grego.

3,8

38 steps to becoming a trader

<http://financefloor.blogspot.com/2012/01/38-steps-to-becoming-trader.html>

Following is a list of most of the steps every successful trader takes during their life. I recently found it in my remarks. I'm not sure of the author of the list so if any of my readers would know, please write me so respectful credits might be given. Happy reading, successful trading and don't forget that things always change! :)

38 steps to becoming a trader

They are as follows:

- We accumulate information - buying books, going to seminars and researching.
- We begin to trade with our 'new' knowledge.
- We consistently 'donate' and then realize we may need more knowledge or information.
- We accumulate more information.
- We switch the commodities we are currently following.
- We go back into the market and trade with our 'updated' knowledge.
- We get 'beat up' again and begin to lose some of our confidence. Fear starts setting in.
- We start to listen to 'outside news' and to other traders.
- We go back into the market and continue to 'donate'.
- We switch commodities again.
- We search for more information.
- We go back into the market and start to see a little progress.
- We get 'over-confident' and the market humbles us.
- We start to understand that trading successfully is going to take more time and more knowledge than we

anticipated. MOST PEOPLE WILL GIVE UP AT THIS POINT, AS THEY REALIZE WORK IS INVOLVED.

- We get serious and start concentrating on learning a 'real' methodology.
- We trade our methodology with some success, but realize that something is missing.
- We begin to understand the need for having rules to apply our methodology.
- We take a sabbatical from trading to develop and research our trading rules.
- We start trading again, this time with rules and find some success, but over all we still hesitate when we execute.
- We add, subtract and modify rules as we see a need to be more proficient with our rules.
- We feel we are very close to crossing that threshold of successful trading.
- We start to take responsibility for our trading results as we understand that our success is in us, not the methodology.
- We continue to trade and become more proficient with our methodology and our rules.
- As we trade we still have a tendency to violate our rules and our results are still erratic.
- We know we are close.
- We go back and research our rules.
- We build the confidence in our rules and go back into the market and trade.
- Our trading results are getting better, but we are still hesitating in executing our rules.
- We now see the importance of following our rules as we see the results of our trades when we don't follow the rules.
- We begin to see that our lack of success is within us (a lack of discipline in following the rules because of some kind of fear) and we begin to work on knowing ourselves better.
- We continue to trade and the market teaches us more and more about ourselves.

- We master our methodology and our trading rules.
- We begin to consistently make money.
- We get a little over-confident and the market humbles us.
- We continue to learn our lessons.
- We stop thinking and allow our rules to trade for us (trading becomes boring, but successful) and our trading account continues to grow as we increase our contract size.
- We are making more money than we ever dreamed possible.
- We go on with our lives and accomplish many of the goals we had always dreamed of.

Caso não tenham percebido, o Google tradutor diz que isto que dissemos disse assim:

38 passos para se tornar um comerciante

com muito entusiasmo e ainda mais sotaque

<http://financefloor.blogspot.com/2012/01/38-steps-to-becoming-trader.html>

Se segue-se uma lista da maioria d-de etapas que cada comerciante bem sucedido toma durante vida sua. Recentemente eu encontrei minhas observações, mas não tenho certeza do autor-lista, se algum saber, faça favor escreva-me tão respeitosos créditos devem ser dados. Boa leitura, sucesso comercial e não se esqueça de que as coisas sempre mudam! :)

38 steps-passos para se tornar um comerciante
Eles são como se segue:

1. Nós acumulamos informações - comprar livros, ir a seminários e pesquisa.. r... s... pesquisa.
2. Começamos a negociar com o nosso conhecimento "novo".
3. Nós sempre 'doar' e, em seguida, perceber que pode precisar de mais conhecimento ou informação.
4. Nós acumulamos mais informações.

5. Nós mudamos as commodities que estão a seguir.
6. Voltamos para o mercado e o comércio com o nosso 'atualizado' conhecimento.
7. Ficamos 'bater' novamente e começará a perder parte de nossa confiança. O medo começa a definir pondo-se.
8. Começamos a ouvir "fora da notícia" e para outros comerciantes.
9. Voltamos para o mercado e continuar a 'doar'.
10. Nós mudamos de commodities novamente.
11. Procuramos para mais informações.
12. Voltamos para o mercado e começar a ver um pequeno progresso.
13. Ficamos com 'excesso de confiança" e do mercado nos humilha.
14. Começamos a entender que a negociação com sucesso vai levar mais tempo e mais conhecimento do que prevíamos. A maioria das pessoas desistem neste ponto, como Realizam o trabalho estar envolvido.
15. Nós levar a sério e começar a se concentrar em aprender uma metodologia 'real'.
16. Nós negociamos nossa metodologia com algum sucesso, mas percebe que algo está faltando.
17. Começamos a compreender a necessidade de ter regras para aplicar nossa metodologia.
18. Tomamos um período sabático de comércio para desenvolver e pesquisar as nossas regras comerciais.
19. Nós iniciar a negociação, desta vez com réguas e encontrar algum sucesso, mas sobre tudo o que ainda hesitam quando executamos.
20. Nós somar, subtrair e modificar as regras de como vemos a necessidade de ser mais eficiente com as nossas regras.
21. Nós sentimos que estamos muito próximo de cruzar esse limiar de sucesso comercial.
22. Nós começamos a assumir a responsabilidade por nossos resultados comerciais como entendemos que nosso sucesso está em nós, não a metodologia.
23. Continuamos ao comércio e tornar mais eficiente com nossa metodologia e as nossas regras.

24. À medida que o comércio ainda temos uma tendência a violar as nossas regras e nossos resultados são ainda irregular.
25. Sabemos que estamos perto.
26. Nós vamos voltar e pesquisar as nossas regras.
27. Nós construímos a confiança nas nossas regras e volte para o mercado e o comércio.
28. Nossos resultados comerciais estão melhorando, mas ainda estamos hesitar em executar as nossas regras.
29. Agora vemos a importância de seguir as nossas regras, como vemos os resultados de nossas operações quando não seguimos as regras.
30. Começamos a ver que a nossa falta de sucesso está dentro de nós (a falta de disciplina em seguir as regras por causa de algum tipo de medo) e começamos a trabalhar nos conhecermos melhor.
31. Continuamos a negociar e o mercado nos ensina mais e mais sobre nós mesmos.
32. Nós dominar a nossa metodologia e as nossas regras comerciais.
33. Começamos a fazer consistentemente o dinheiro.
34. Ficamos um pouco mais confiante e o mercado nos humilha.
35. Continuamos a aprender as nossas lições.
36. Nós parar de pensar e permitir que as nossas regras de comércio para nós (comércio torna-se chato, mas bem-sucedida) e da nossa conta comercial continua a crescer à medida que aumentamos o tamanho do nosso contrato.
37. Estamos fazendo mais dinheiro do que jamais sonhou ser possível.
38. Vamos em frente com nossas vidas e cumprir muitos dos objectivos que sempre sonhamos que sonhou.

38 passos para se tornar um comerciante cortados de 38 % o que vem a por um problema ao Hilbert visto que da 23,56 o que, para simplificar e cortar um bocadinho, já que ninguém da por isso, termina por ser só 23.

1. Qual é o cardinal do continuum?
2. A compatibilidade dos axiomas da aritmética. Será que os axiomas da aritmética são compatíveis ?

3. A igualdade dos volumes de dois tetraedros de base igual e altura igual é igual ?
4. O problema da distância mais curta entre dois pontos. A linha recta a menor distância entre dois pontos em qualquer superfície e em qualquer geometria ?
5. Estabelecer o conceito de grupo de Lie, ou grupo de transformações contínuas, sem assumir a diferenciabilidade das funções que definem o grupo.
6. Axiomatização da física. É possível criar um corpo para axiomático física?
7. a^b é transcendente para $a \neq 0,1$ algébrico e b irracional algébrico ?
8. El problema de la distribución de los números primos. Os zeros não triviais da função zeta de Riemann pertencem todos à linha crítica e todo número par maior ou igual a 4 é a soma de dois primos.
9. Achar a lei de reciprocidade mais geral em todo campo de número algébrico.
10. Encontrar um algoritmo que determine se uma equação diofantina tem solução.
11. Classificar as formas quadráticas a coeficiente nos anéis algébricos inteiros.
12. Estender o teorema de Kronecker para os corpos não abelianos a qualquer domínio da racionalidade algébrica.
13. Demonstrar a impossibilidade de resolver equações de sétimo grau através de funções de somente duas variáveis.
14. A prova da finitude de certos sistemas completos de funções. Provar o carácter finito de certos sistemas completos de funções.
15. Fundamentação rigorosa do cálculo enumerativo de Schubert ou geometria algébrica.
16. Problema da topologia das curvas algébricas e de superfícies. Desenvolver uma topologia de curvas e superfícies algébricas.
17. Expressão de formas definidas pela soma dos quadrados. Demonstrar que uma função racional positiva pode ser escrita sob a forma de soma de quadrados de funções racionais.
18. Construção do espaço dos poliedros congruentes. Construir um espaço euclidiano com poliedros congruentes. Qual a maneira mais densa de se empacotarem esferas?

19. As soluções de problemas regulares do cálculo de variações, são sempre analíticas? Provar que o cálculo de variações é sempre necessariamente analítico
20. O problema geral das condições de contorno de Dirichlet. Todos os problemas variacionais com certas condições de contorno têm solução?
21. Demonstração da existência de equações diferenciais lineares de classe fuchsianas, conhecidos seus pontos singulares e de grupo monodrômico. Prova da existência de equações diferenciais lineares tendo um determinado grupo monodrômico.
22. Uniformidade das relações analíticas de funções automórficas: é sempre possível padronizar qualquer relação algébrica entre duas variáveis por meio de funções automórfas de uma variável?
23. Extensão dos métodos do cálculo de variações. Desenvolver um método geral de resolução no cálculo de variações.



por enquanto...

- O meu Smith & Wesson não tem nada de especial, é uma Merkel, diz royal et de luxe François Hollande de Holland & Hollande, by appointment of her majesty the Queen.
- Um euro-drama Real.
- O verdadeiro dracma.

III

**38 com silenciador:
Coelho à caçadora em 38 passos**

Caça do Coelho:

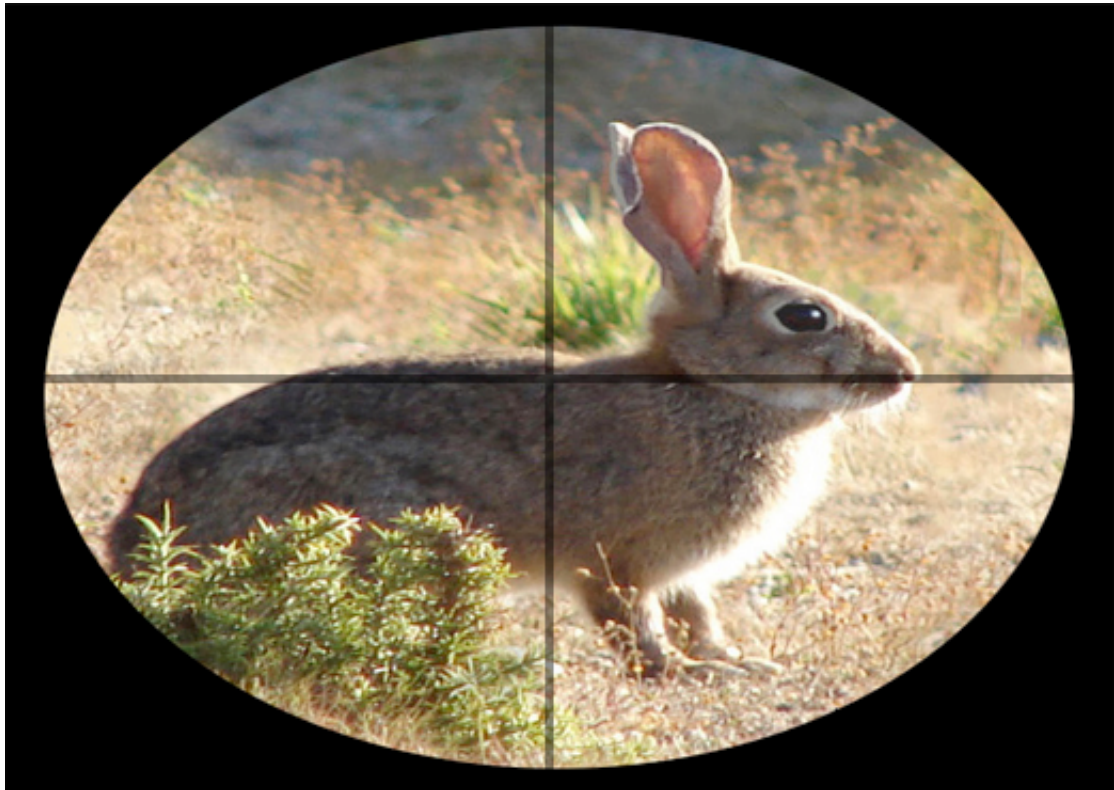


Caçadora com experiência e grande espingarda, a Rainha Vermelha, fabricante excelente e excelente atiradora, afina sua ponteria nestes últimos anos dedicando-se ao tiro ao Coelho.



O Coelho tem estatuto jurídico de *res nullius*, além de ser considerado praga e a sua abolição ser absolutamente compatível com a directiva 92/43/CEE do 21 de maio 1992 – 28.

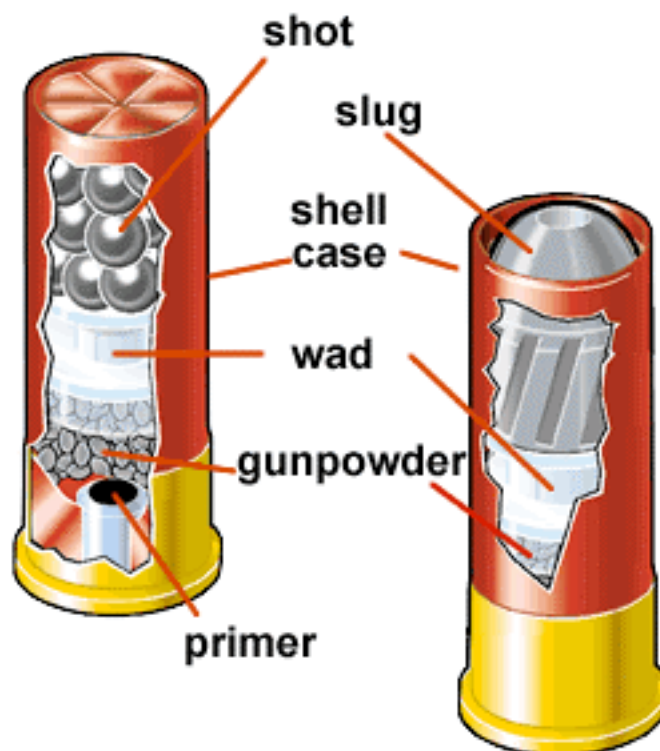
A elegância e graça com a qual nossa primeira ad-ministra aponta ao bicho, seguindo com a arma os seus grandes passos em zig-zague e adiantando e recuando o swing, para logo efectuar o disparo dispondo apenas de algumas décimas de segundo para premir o gatilho e depois, vir a corrigir o melhorar o tiro com um segundo disparo e assim matar ou rematar o animal.



A caça ao coelho e bastante técnica e conta com muitos obstáculos.



Ficou definitivamente fixado o período de caça ao Coelho como indo desde Setembro até Dezembro. Isto permite às gestoras – entenda-se as gestoras das entidades zonas de caça, e não as senhoras Merkel ou Lagarde – a possibilidade definir o seu calendário venatório em cada região de acordo com os seus critérios. Não podemos esquecer que as realidades da caça são muito diferentes de norte a sul do país, apesar de ser pequeno. Para dar um exemplo no sul do país em Dezembro as coelhas femeas quase todas já andam grávidas e é crime caçar-as-os sem proceder primeiro à realização dum aborto.

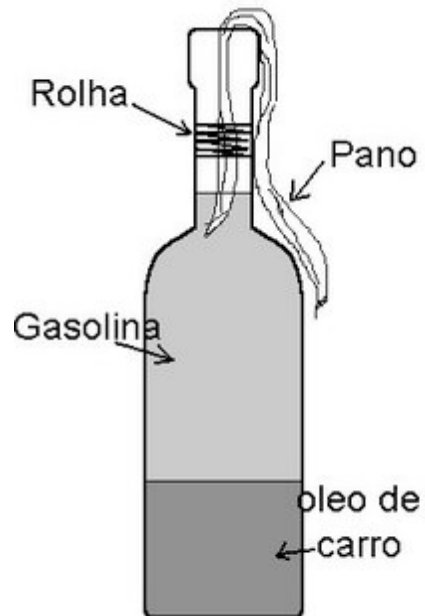


Munição:

Use preferentemente J&G especial caça de 38 gramas chumbo 6 com pólvora A1SP. Mas se vos fizerem um bom desconto, então os cartuchos de 30 ou 32 gramas com pólvora AS(A2) – polvichumbo competition ou polvichumbo super caça 32, também são bons.

Para os tordos é melhor utilizar a super gt-f1 de 28 gramas 7,5 com a pólvora CM, que os atordoia. Ou então melhor ainda deixar estar o tordo tranquilo que o coitado não tem nada a ver.

Mas o ideal—ideal para a caça do Coelho é o cocktail Molotov.



Ingredientes:

1 coelho
Vinho tinto
Farinha
2 colheres de sopa de margarina
4 colheres de sopa de azeite
2 cebolas
1 alho
Sal
Cravinho
Pimentinha
1 folha de dias loureiro
2 tomates



Preparação:

Ponha o coelho (cortado em bocados) a marinar no vinho tinto com as cebolas e o alho cortados às rodelas, sal, pimenta, cravinho e o louro.

Tire os pedaços de coelho da marinada (e separe o liquido, sem desperdiçar nada), passe-os por farinha e aloure-os na margarina e azeite.

Junte ao coelho as cebolas, os alhos, o louro, (ou seja, a parte "sólida" da marinada) e os tomates:

Pelados e cortados aos bocados.

Deixe ferver um pouco, junte o liquido da marinada e rectifique os temperos.

Tape e deixe cozer suavemente.

- E cante. Cante até o coelho estar macio :

Coelhinho,
se eu fosse
como tu

tirava a mão
do bolso
e metia-a no Coelhoino
se eu fosse
como tu
tirava a mão
e metia-a no Coelhoinho
se eu fosse
como tu
tirava a mão
do bolso
e metia-a no Coelhoino
se eu fosse
como tu
tirava a mão
do bolso
e metia-a no

Coelhino





Dica:

Quando de mata o coelho deve recolher-se o sangue para uma tigela, onde previamente se deitou o vinagre. Mexe-se e reserva-se. Corta-se o coelho aos pedaços, as cebolas e o tomate às rodelas finas e o presunto às fatias. Picam-se os dentes de alho. Num tacho de barro dispõem-se camadas alternadas de cebola, de coelho, de tomate e de presunto, sendo a primeira camada de cebolas. Tempera-se cada camada de coelho com o alho picado, sal e pimenta. Espalha-se por cima a banha, a salsa e o louro. Tapa-se o recipiente e leva-se a cozer em lume brando. Na altura de servir adiciona-se o sangue a que se juntou o vinho. Leva-se ao lume para uma fervura rápida e serve-se com batatas cozidas.

HOLLAND & HOLLAND'S

Field and Trap Guns



Royal de Luxe
SELF-OPENER

HOLLAND & HOLLAND'S DE LUXE MODEL hammerless ejector shotguns are for the sportsman who desires and appreciates elegance and beauty combined with sheer streamlined utility. These guns are built by craftsmen of the highest skill using materials of the finest quality specially to fit the style and build of the user. Produced only in relatively small numbers shotguns of this quality cannot but appreciate in value whilst giving decades of pleasure in the field. Regarded as works of art these guns stand apart from any other weapons produced in this century.

There is no standard specification for the Royal de Luxe guns since they are built exactly as the sportsman requires them. The barrels, which are of English best steel, are made to any length from 28-inches to 30-inches and with any degree of choke. The stocks are carved from well figured French walnut to whatever style and measurements desired.

A special feature of these guns is the HOLLAND SELF-OPENING system which makes rapid reloading possible. Smooth in operation and easy to close there is no better easy opening system applied to shotguns.

Holland's hand detachable locks are fitted unless customers ask for a plain screw instead of the lever. The safety can either be automatic or non automatic and double or single triggers according to choice.

LIGHT GAME MODEL for most British or Continental field shooting. Usually with 2½-inch chambers but also chambered for 2¼-inch field load cartridges.

WILDFOWL AND TRAP MODEL for long range shooting using heavy load cartridges or for competitive live and clay pigeon shooting where a heavier gun is indicated.

Weights of above models and other details given on pages 2 and 3.

A metáfora é a metáfora da metáfora ⁸. Fora do aspecto metafórico da metáfora, a metáfora deixa de ser metáfora para metaforicamente passar a ser uma frase que diz o que diz sem outro significado que o seu significado. Que significa o que significa. Uma frase que significa o que significa. Isto significa que o significado da metáfora para além daquilo que quer significar metaforicamente fora do seu significado literal, significa metaforicamente em si uma metáfora sobre a significação literal da realidade não metafórica da metáfora.

Literalmente.

⁸ Literalmente, a metáfora é a metáfora da metáfora. Fora do aspecto metafórico da metáfora, a metáfora deixa de ser metáfora para metaforicamente passar a ser uma frase que diz o que diz sem outro significado que o seu significado. Que significa o que significa. Uma frase que significa o que significa. Isto significa que o significado da metáfora para além daquilo que quer significar metaforicamente fora do seu significado literal, significa metaforicamente em si uma metáfora sobre a significação literal da realidade não metafórica da metáfora.

VIII

epilogo

*“And hither am I come
An epilogue arm'd, but not in confidence
Of author's pen or actor's voice, but suited
In like conditions as our argument.”*

Shakespeare, almost...

Este epílogo crê-se um personagem shakespeariano. Toma-se pelo prólogo de *Troilus and Cressida*, ou pelo Puck do final do *Midsummer's Night Dream*. Coitadinho.

As palavras.

As palavras enganam.

Valor assegurado ? Vantagens fiscais ? Investimento seguro ?
Fragilidade do sistema ? Deterioro das condições financeiras ?
Aumento da volatilidade ? Orgia especulativa ? Imprudência e
temeridade ? Investimento de risco ? Má praxis ? Negligencia
voluntaria ? Homicídio negligente ?

As palavras enganam ?

Responsáveis políticos ? Sistema financeiro ? Especialistas em
regulação bancária ? Correção dos desequilíbrios globais ? Não há
alternativa ?

O que é evidente é que há uma falha. Mais. Há uma falha
sistémica. E mais de uma, há outra falha que é intelectual.

Algumas palavras sobre as palavras então.

O problema tal vez não esteja em encontrar soluções para *a crise económica*, senão em pensar sempre que tudo se resume e explica

em termos económicos, por um lado, e por outro que a situação que estamos a viver pode ser definida e trata-se de uma crise.

Isto não é uma crise. É um roubo massivo. Que em termos da linguagem do poder e dos seus comunicadores chama-se reajuste. E que é o que se reajusta ? A distribuição de bens. E os bens fundamentalmente são o medem-se em termos económicos justamente porque decidimos que tudo deve ser entendido e organizado em termos económicos. Quem se lembra ainda do nosso actual não presidente ainda menos presidente que hoje na sua primeira campanha para angariar votos cavacando-nos sobre as vantagens de ter como presidente um economista ? Alguém está a ver onde estará a tal vantagem ? Em que é que uma visão economicista da sociedade é uma boa visão da sociedade ? A economia já sabemos e não nos cansaremos nunca de repetir, é um meio e não um fim. E endeusar meios e transforma-los em fins em si mesmos e meio caminho andado para o abismo. E a economia levou-nos ao borde do precipício. E se seguimos pensando em termos económicos o único que conseguiremos é dar um passo adiante. Um passo adiante ao borde do precipício.

Trata-se de uma situação critica se se quiser.

Mas não há crise. Designar a nossa situação como crise no fundo não é mais que um modo de diluir a responsabilidade, normalmente a própria, individual o de classe e corporação, e negar-se assumir a culpa de não estar a altura das circunstâncias, isto último, não por casualidade é o modo de definir a ética que tinha Gilles Deleuze como alias qualquer viajante do metro de Lisboa pode ler na parede da estação Parque. Falar de crise então é uma maneira maneirinha para evitar falar de falta de ética. É que lá isso seria muito mais chato. Porque deveríamos falar e responsabilizar àqueles que não afrontaram os problemas e, no melhor dos casos decidiram adia-los. E no pior ? *O pior não interessa*, devem eles dizer, ou pensar ou mandar imprimir irradiar ou televisar pelos seus portavoces e demais prostitutas dispostos sempre a não pensar a troco de salário antes de falar o vir a dar opinião nos noticiários e nas folhas dos jornais. O pior não interessa porque não estaremos já cá para ve-lo. E como o sistema é mais aguentador que aquilo que se pensa, provavelmente os

nossos filhos também não. Aguentador de aguenta e de dor. Das duas coisas. E os nossos netos vão ter que ter a energia e a sabedoria suficientes para encontrar soluções. Como, não se sabe. Porque pelo andar da carruagem a educação e o saber e a cultura vai ser coisa do passado. E o passado já lá foi.

Nem pense em aplaudir.

Pense.

Nem pense em aplaudir.

Pense no assunto.

E faça. Faça alguma coisa.

O assunto é que temos que fazer alguma coisa.

**38 divisões administrativas e territoriais nas quais
teríamos gostado imenso poder representar uma peça
de teatro caso de ter tido o dinheiro suficiente para
poder produzi-la e apresenta-la :**

Entre Douro e Minho

Trás-os-Montes

Dentro do Frigorífico

(Fora-de-Validade)

Beira Baixa

Beira Alta

Beira Bera

Vale do Ave

Ave Cesar morituri te salutant

Estremadura

Estremadura Extrema

Estremadura Light

Casino Estoril

Alentejo

Ribatejo

Entretejo

Mota Engil

Aeroporto da Ota - Alcochete

Ota - Alcochete
Algarve
Algarve Interior
Algarve Exterior
Portugal Incontinental
Madeira
Madeira e Metais
Madeira Metais e Percussão
Percussão Pitos-e-Matracas
Madeira - Porto Santo
Madeira e Porto - Vintage
Região Autónoma dos Açores
Região do Corvo- Milhazes
Açores - Ave - Rapina Grande
Rapina Pouca
Açores Ocidentais Alem Newark
Aquém Bronx
Luxemburgo
Palops
e
Cemitério dos Prazeres